

Aquisição de morfologia de plural em português europeu: sobre a produtividade das regras*

Ana Castro

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Lisboa

Abstract

A study aiming at identifying which rule is available for the pluralization of nouns ending in *-ão* was conducted with 2 to 5 year old children in an elicited production task using pseudo-words (similar to Berko's 1958). The results show a preference for the over-generalization of the general rule in younger children. As far as age increases, sensibility to the input seems to have effects on the production of the plural forms, and the preference is for the most frequent plural ending (*-ões*), reflecting the adjustment of the rule of pluralization for a specific class of nouns.

Keywords: nominal plurals, diphthong *-ão*, irregular morphology, morphological rules.

Palavras-chave: plurais nominais; ditongo *-ão*; formas irregulares; regras morfológicas.

1. Introdução

É assumido na literatura que a aquisição de morfologia não regular é aprendida, partindo dos dados do *input*, e que as palavras são memorizadas individualmente. As

* Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Portugal) através de uma Bolsa de Pós-doutoramento (SFRH/ BPD/ 20364/ 2004) e do Projecto "Técnicas Experimentais na Compreensão da Aquisição do Português Europeu" (POCI/LIN/57377/2004) - <http://www.fcsh.unl.pt/clunl/pt/tececx.asp>.

Agradece-se às crianças, pais e educadores das creches e jardins de infância do Agrupamento Vertical de Alcochete, Escola Básica do Samouco e Fundação João Gonçalves Júnior (Alcochete); ao Projecto FreP, pelos dados de frequência lexical facultados; a Ana Lúcia Santos pela cedência do seu *corpus*; e aos três revisores anónimos de uma versão prévia deste texto.

crianças reconhecem e generalizam regras produtivas, enquanto memorizam o uso restrito de regras não produtivas e dois *buffers* de memória são utilizados (Marcus *et al*, 1992; Yang, 2005, entre outros). Contudo, no processo de aquisição, podem observar-se alguns “erros” de sobregeneralização de formas não regulares, o que indicaria a aplicação da regra geral a formas que estariam marcadas no léxico como “irregulares”.

O português apresenta um caso no sistema nominal que pode ilustrar o processo de aquisição de regras morfológicas e a aprendizagem de formas não regulares. Os nomes que terminam em ditongo nasal *-ão* apresentam três formas possíveis de plural (1-3): (1) em *-ãos*, que segue o padrão geral de pluralização dos nomes - o morfema de plural /-s/ é adicionado à forma singular do nome (como nos nomes que terminam em vogal (4-5)); e (2) e (3) mostram alteração da qualidade da vogal do ditongo, não previsível pela forma singular, respectivamente *-ães* e *-ões*.

(1) a. mão	[¹ mẽw̃]
b. mãos	[¹ mẽw̃ʃ]
(2) a. pão	[¹ pẽw̃]
b. pães	[¹ pẽjʃ]
(3) a. leão	[li ¹ ẽw̃]
b. leões	[li ¹ õjʃ]
(4) a. casa	[¹ kazɐ]
b. casas	[¹ kazɐʃ]
(5) a. livro	[¹ livru]
b. livros	[¹ livruʃ]

As análises morfo-fonológicas propostas para as formas plurais dos nomes com singular em *-ão* não pressupõem irregularidade na formação do plural; antes, assumem uma distinção na base das formas subjacentes: as formas em *-ãos* seguem a regra geral de pluralização dos nomes com marcador de classe *-o*; nas formas em *-ães* e *-ões*, há uma distinção na vogal final do radical (*-a[+nas]-* e *-o[+nas]-*, respectivamente), ausência de índice temático e inserção de glide na forma plural (Mateus & Andrade, 2000; Mateus *et al*, 2003; Villalva, 2008). A distinção na forma base torna-se transparente em palavras derivadas dos nomes (6-8).

- | | |
|-----------------------|--|
| (6) a. <i>mãos</i> | |
| b. <i>manual</i> | |
| (7) a. <i>pães</i> | |
| b. <i>panificação</i> | |

- (8) a. *leões*
 b. *leonino*

Do ponto de vista da aquisição, seguindo as análises morfo-fonológicas descritas, tem de se assumir que, para adquirirem a forma plural do nome, as crianças têm acesso à forma base a partir de uma palavra derivada. Esta abordagem apresenta-se problemática uma vez que: (i) nem sempre os derivados fazem parte do léxico da criança; e (ii) nem todos os nomes em *-ão* têm derivados pelos quais se possa “aceder” à forma base, ou têm-nos com frequência e uso muito restritos (*balão* - **balónico*, **balonino*, *balonista*).¹ Por outro lado, assumindo que as crianças têm acesso à forma base, não seriam esperados erros como *-ãos* por *-ães* ou *-ões*, ou seja, “erros” que se podem analisar como a sobregeneralização de uma regra de pluralização em que, à base, transparente a partir da forma singular do nome, se acrescenta o morfema de plural */-s/* sem qualquer outra operação fonológica.

Em dados de produção espontânea², contudo, observa-se que, embora as crianças de dois anos já produzam as alternâncias correctas (*-ão/-ãos* ou *-ões* ou *-ães*), ocorrem algumas sobregeneralizações como as de (9-10).

- (9) M: duas quê?

T: do(is) cães.

M: dois cães, não. dois cães.

T: cães.

Tomás 1;8.16

- (10) M: e o que é que os gatinhos estão a ver?

T: o cães.

Tomás 2;3.9

Num estudo experimental com crianças de dois anos (Pinto & Castro, 2008), observou-se também uma preferência por uma estratégia de sobregeneralização da regra geral de pluralização em pseudo-nomes em *-ão* e *-al*, com a produção de formas em *-ãos* e *-ales*.³

¹ Para além disso, ainda que haja acesso à forma base, a formação do plural em *-ães* e *-ões* implica a computação de operações extra (inserção de glide) que podem ter um custo de processamento e condicionar o *output*, isto é, a produção da forma alvo em *-ães* e *-ões*.

² Os dados consultados foram os de duas crianças do *corpus* de Santos (2006) (Inês e Tomás) e os do *corpus* LumaLiDaOn (Frota *et al.* 2008).

³ Nesta mesma faixa etária, as crianças ainda não dominam a produção de morfologia de plural nos nomes (Lima, 1996; Caeiro & Castro, 2007; Pinto & Castro, 2008). Caeiro & Castro (2007) reporta uma tarefa de eliciação de morfologia plural em nomes, seguindo um método semelhante ao deste estudo, testando só nomes, conhecidos das crianças, que fazem plurais sem alternâncias morfo-

A questão da produtividade de regras na aquisição da morfologia plural, e de que regras, coloca-se, assim, na aquisição de novas palavras em *-ão*, tanto em fases precoces da aquisição como mais tardiamente, sempre que não há dados que permitam representar a forma base, nem foi aprendida a forma plural numa base individual. Nestes casos, podemos postular que a forma plural é gerada pela aplicação de uma regra de pluralização. À partida duas estratégias para a construção dessa regra se perfilam: (i) uma estratégia que segue a regra geral de pluralização; ou (ii) uma estratégia baseada na frequência dos itens lexicais que constituem o vocabulário, ou seja, uma regra baseada no padrão mais frequente de plural para a subclasse de nomes em causa?⁴

Nos casos em que as duas estratégias geram o mesmo resultado, ou seja, quando a forma gerada pela regra geral é a que corresponde ao padrão mais frequente da subclasse de nomes, não é possível testar que estratégia é usada pelas crianças. O português, no entanto, possibilita esse teste no caso dos nomes com singular em *-ão*. Contabilizados os dados de frequência em *corpora* de fala adulta, constata-se que, para esta subclasse de nomes, o padrão morfo-fonológico dominante é diferente do gerado por uma regra geral de pluralização. Nas tabelas seguintes, apresentam-se dados de frequência das terminações de plural em *-ão*, considerando *tokens*, num corpus de português falado, correspondendo à fala do adulto (Tabela 1), e num corpus de fala adulta dirigida à criança (Tabela 2).⁵

Tabela 1 – Dados de frequência de plurais de nomes em *-ão* por terminação (em número absoluto e percentagem no número total de palavras e nas formas plurais de nomes em *-ão*) num corpus de português falado (fonte: FrePOP)

	total	palavras n=136.105	plurais de nomes em <i>-ão</i> n=281
-ãos	26	0.019%	9.3%
-ães	18	0.013%	6.4%
-ões	237	0.174%	84.3%

fonológicas, terminados em vogal (*-a*, *-o* e *-e*). Os resultados apontam para que a morfologia de plural nos nomes está dominada, pelo menos nestes nomes regulares, aos 3 anos.

⁴ Esta segunda estratégia implicaria um reajustamento da regra em função do tamanho do léxico e da integração de nomes com diferentes formas de plural (Yang, 2005), hipótese que não será testada neste estudo.

⁵ Optou-se por considerar *tokens*, e não *types*, uma vez que parece ser a frequência destas unidades a relevante no processo de aquisição (Vigário, Frota & Martins, 2010).

Tabela 2 – Dados de frequência de plurais de nomes por terminação (em número absoluto e percentagem no número total de palavras e nas formas plurais de nomes em *-ão*) num corpus de fala dirigida à criança (fonte: FrePOP)

	total	palavras n=167.996	plurais de nomes em <i>-ão</i> n=142
-ãos	28	0.017%	19.7%
-ães	17	0.010%	12.0%
-ões	97	0.058%	68.3%

Observa-se que o padrão mais frequente de plural (*-ões*) concorre com a regra geral de pluralização (*-ãos*). Assim, se para a aquisição do plural de novos nomes em *-ão* for tida em conta a frequência dos padrões morfo-fonológicos das formas de plural, espera-se que *-ões* tenha supremacia.⁶

2. A aquisição de morfologia de plural por crianças portuguesas dos 2 aos 5 anos

O objectivo deste estudo é avaliar a disponibilidade de uma ou mais regras produtivas na aquisição das formas plurais de novas palavras em *-ão*.

Testar-se-ão as duas estratégias apresentadas para a formulação da regra: (i) a regra geral de pluralização; ou (ii) uma regra baseada na frequência da terminação de plural no *input*. A primeira estratégia prediz a produção de formas plurais como *-ãos*; a segunda, como *-ões*.

2.1. Participantes

A amostra, de conveniência, foi constituída por 40 crianças falantes monolingues de português europeu dos 2 aos 5 anos (10 em cada grupo etário), de ambos os géneros, sem perturbações ou distúrbios cognitivos ou de linguagem diagnosticados (ou suspeita dos mesmos) bem como história familiar de défices de linguagem, e a frequentar creche ou jardim de infância.

⁶ É ainda de equacionar qual o efeito de palavras como *mãos* ou *cães*, com taxas de frequência muito altas e que fazem parte do vocabulário das crianças em fases precoces.

Tabela 3 – Caracterização da amostra por grupos etários relativamente a idade (média e amplitude) e género

grupo	idade		género	
	média	amplitude	masculino	feminino
2 anos	2;6	2;0 – 2;8	4	6
3 anos	3;6	3;1 – 3;8	8	2
4 anos	4;5	4;0 – 4;9	3	7
5 anos	5;5	5;0 – 5;8	4	6

Foi também testado um grupo de controle, constituído por 15 adultos falantes monolíngues de português europeu com frequência de ensino superior.

2.2. Desenho experimental

A tarefa experimental, de produção elicitada, foi semelhante ao teste *Wug* (Berko, 1958), usando pseudo-nomes terminados em *-ão*. Foram também usados nomes terminados em *-ão* com diferentes formas de plural, para avaliar uma eventual sobregeneralização da regra de pluralização de formas nominais em *-ão* a palavras conhecidas.

As variáveis independentes (intra-sujeitos) foram tipo de nome: nome (com diferentes formas de plural em *-ãos*, *-ães* e *-ões*) e pseudo-nome com singular em *-ão*.

Os estímulos usados foram 8 nomes e 8 pseudo-nomes, mais 7 estímulos distratores, que funcionaram também como controles, pois permitiram aferir a produção de formas nominais de plural, em particular nas crianças mais novas (2 e 3 anos).⁷

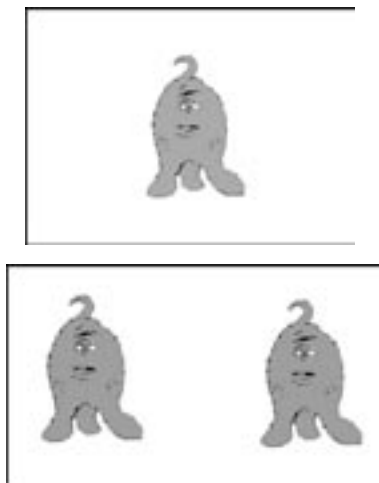
A variável dependente foi o número de respostas plurais por tipo de forma (*-ãos*, *-ães* e *-ões*) nos pseudo-nomes, assim como a resposta de acordo com o alvo nos nomes.

⁷ Os nomes, tanto os terminados em *-ão* como os usados como distratores/controle, foram seleccionados tendo como critério fazerem parte do vocabulário das crianças destas faixas etárias. Embora não tenha sido feito um teste de vocabulário prévio às crianças, durante o curso da tarefa, estas foram incitadas a nomear a figura que lhes era apresentada, aferindo-se assim se tinham conhecimento da palavra. Em geral, mesmo nas crianças pequenas, não houve mostras de desconhecimento das palavras contempladas na tarefa.

Os nomes em *-ão* contemplados no estudo têm uma distribuição não equilibrada pelos três padrões de plural, que foi motivada pelo critério de terem de pertencer ao vocabulário infantil: sendo mais escassos os nomes com plural em *-ães* e *-ãos*, revelou-se difícil alcançar o equilíbrio. Assim, dos 8 nomes em *-ão*, 1 tem plural em *-ães* (*cão*), 2 em *-ãos* (*mão* e *irmão*) e 5 em *-ões* (*coração*, *avião*, *limão*, *balão* e *televisão*).

Os estímulos foram apresentados às crianças num monitor de computador portátil MacBook em duas etapas. Foi dito às crianças que iriam ver objectos e criaturas que conheciam e outros desconhecidos, vindos do espaço.⁸ Primeiro, uma figura em número singular era apresentada: “Aqui está um *litão*”. Seguidamente, apareciam duas figuras iguais à primeira e era pedido à criança que completasse a frase: “Aqui estão dois...”. A resposta possível era respectivamente *litãos/-ães/-ões*.⁹

Figura 1 – Exemplo de estímulos-teste com pseudo-nome



A forma de apresentação foi semelhante para os os pseudo-nomes, os nomes em *-ão*, e os nomes distractores/controles, com a única diferença de que nos dois últimos, as crianças foram incitadas a nomear as figuras, com vista a avaliar se as palavras eram suas conhecidas. Os estímulos foram apresentados alternando as diferentes condições experimentais.

Todas as crianças foram testadas na creche ou jardim de infância que frequentavam, sempre numa sala isolada com o experimentador.

⁸ As imagens apresentadas, aqui reproduzidas numa escala de cinzento, eram coloridas.

⁹ Optou-se por controlar o género dos pseudo-nomes, sendo todos do género masculino, para evitar que a terminação *-ão* fosse tomada como sufixo aumentativo e elicitasse outras respostas. Num estudo anterior (Pinto & Castro, 2008), em que se usaram pseudo-nomes masculinos e femininos, foram obtidas respostas como *uma litão – duas lironas*, não relevantes para o tópico aqui discutido.

3. Resultados

No Gráfico 1, apresentam-se os resultados das respostas de acordo com a resposta alvo nos nomes, e as não respostas nos nomes e pseudo-nomes, que correspondem a nenhuma produção ou produção de forma singular.

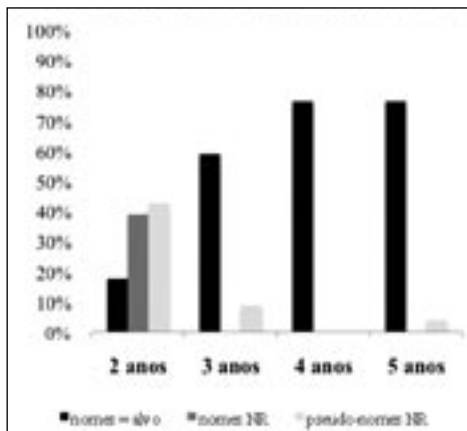


Gráfico 1 – Respostas de acordo com o alvo (nomes) e não respostas em nomes e pseudo-nomes (em %)

Observa-se que, nos nomes, as respostas de acordo com o alvo aumentam com a idade, estabilizando nos grupos dos 4 e 5 anos. As crianças do grupo dos 2 anos têm uma taxa de respostas de acordo com o alvo nos nomes mais baixa e taxas de não-resposta (não produção de plural) altas tanto em nomes como em pseudo-nomes.

No Gráfico 2, são apresentadas as respostas na condição pseudo-nome considerando as três terminações de plural possíveis.

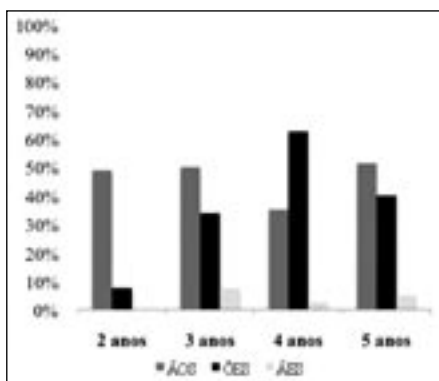


Gráfico 2 – Respostas na condição pseudo-nome por terminação de plural (em %)

Observa-se que, nos grupos dos 2 e 3 anos predominam as respostas em *-ãos*; as respostas em *-ões* vão aumentando dos 2 até aos 4 anos; e as respostas em *-ães* são residuais em todos os grupos. No grupo dos 5 anos, observa-se uma inversão da tendência de aumento de respostas em *-ões* e um acréscimo de respostas em *-ãos*.

Relativamente à aquisição das formas de plural em *-ão* em nomes, na Tabela 4, apresentam-se as respostas dadas para todas as terminações de plural para cada um dos nomes em *-ão*. Estes dados permitem analisar não só as respostas de acordo com o alvo (já apresentadas no Gráfico 1) mas também as tendências de “desvio” à forma padrão que manifestem uma eventual sobregeneralização de uma regra de pluralização.

Tabela 4 – Respostas para os nomes por terminação de plural, considerando a resposta alvo (em sombreado) (em %)

grupo		nomes								TOTAL
		<i>cão</i>	<i>mão</i>	<i>irmão</i>	<i>coração</i>	<i>avião</i>	<i>limão</i>	<i>balão</i>	<i>televisão</i>	
2 anos	<i>-ãos</i>	70	70	30	60	50	60	50	60	56
	<i>-ões</i>	0	0	0	0	20	10	10	0	5
	<i>-ães</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 anos	<i>-ãos</i>	70	100	80	40	30	60	50	50	60
	<i>-ões</i>	0	0	20	50	70	40	50	50	35
	<i>-ães</i>	30	0	0	10	0	0	0	0	5
4 anos	<i>-ãos</i>	40	100	60	30	20	20	30	10	39
	<i>-ões</i>	0	0	40	70	80	80	70	90	54
	<i>-ães</i>	60	0	0	0	0	0	0	0	8
5 anos	<i>-ãos</i>	40	100	70	20	20	20	40	10	40
	<i>-ões</i>	0	0	30	80	80	80	50	90	51
	<i>-ães</i>	60	0	0	0	0	0	10	0	9
alvo	<i>-ães</i>		<i>-ãos</i>			<i>-ões</i>				

Nas respostas de acordo com o alvo, observa-se que os nomes com plural em *-ãos* (*mão* e *irmão*) apresentam taxas de resposta mais altas, logo desde os 2 anos. Os nomes com plural em *-ões* (*coração*, *avião*, *limão*, *balão* e *televisão*) vão aumentando a sua taxa de “acerto” com o aumento da idade. O nome com plural em *-ães* (*cão*) apresenta respostas semelhantes ao alvo mais baixas, no global. Independentemente da terminação de plural, os nomes *cão*, *irmão* e *balão* têm taxas de “acerto” mais baixas mesmo nos grupos dos 4 e 5 anos.

Considerando as respostas “erradas”, observa-se uma tendência, nas crianças de todos os grupos etários para, quando não fazem o plural *cães*, fazerem o plural em *-ãos* (**cãos*). Nos nomes com plural em *-ãos* (em particular, *irmão*, que tem mais respostas “erradas”), a tendência é para *-ões*; e nos nomes com plural em *-ões* para *-ãos*. Os plurais em *-ães* nestes dois tipos de nomes são praticamente inexistentes.

Se se considerar somente o padrão de resposta, independentemente da forma alvo, observa-se que nos grupos dos 2 e 3 anos o maior número de respostas é em *-ãos* (56% e 60%, respectivamente) e nos grupos do 4 e 5 anos é em *-ões* (54% e 51%, respectivamente).

4. Discussão

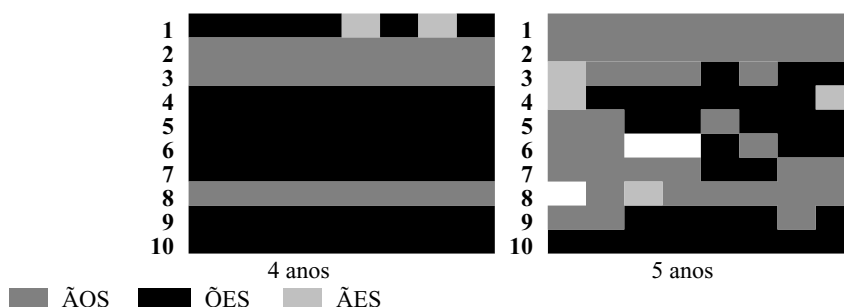
As crianças mais novas mostram uma taxa mais elevada de formas de plural em *-ãos* em ambas as condições (nomes e pseudo-nomes), tendência que se altera no grupo dos 4 anos.

Em pseudo-nomes, as respostas em *-ões* aumentam nas crianças mais velhas, aproximando-se do padrão de respostas do grupo de controle, que foi perto de 100% de formas plurais em *-ões*. As respostas em *-ães* são muito raras nos pseudo-nomes, e nos nomes estão ausentes das respostas das crianças mais novas, aumentando nas crianças mais velhas, só no nome com plural nessa forma (*cães*).

Em síntese, os resultados com pseudo-nomes mostram uma preferência pela estratégia de sobregeneralização da regra geral de pluralização nas crianças mais novas, nos grupos de 2 e 3 anos. À medida que a idade aumenta, altera-se a estratégia: a sensibilidade ao *input* (e conseqüente aumento do léxico) tem efeitos na produção das formas plurais, e a preferência é para o padrão de forma de plural mais frequente, em *-ões*. Estes resultados parecem reflectir um ajustamento da regra de pluralização para uma classe particular de nomes (os nomes terminados em *-ão*), uma regra que é produtiva na gramática dos adultos, de acordo com os resultados do grupo de controle em pseudo-nomes.

Relativamente às respostas do grupo dos 5 anos, em que parece haver um retrocesso relativamente ao grupo dos 4 anos, é interessante comparar os desempenhos individuais. Na Figura 2, mostram-se os resultados individuais, de cada uma das 10 crianças dos grupos dos 4 e 5 anos, nos 8 itens de teste de pseudo-nomes.

Figura 2 – Respostas individuais por criança dos grupos dos 4 anos e 5 anos por terminação de plural



Observa-se que o desempenho das crianças do grupo dos 4 anos foi em geral consistente ao longo de todos os itens da mesma condição. Pelo contrário, nas respostas das crianças dos 5 anos, não há consistência. Este padrão de resposta de retrocesso em crianças de idade pré-escolar é coincidente com o descrito em outros estudos de aquisição de morfologia (Marcus *et al.* 1992, entre outros). A falta de consistência no padrão de resposta das crianças mais velhas pode revelar uma consciência linguística da variação que existe no sistema linguístico alvo relativamente a estas formas, à semelhança com o que se observa noutros domínios linguísticos, em particular a consciência fonológica - veja-se as referências em Alves, Castro & Correia (2010).

Nos nomes que fazem parte do seu vocabulário, as crianças revelam uma produção de acordo com o alvo que varia tanto em função da idade como da forma plural do nome, sendo os nomes com plural em *-ãos* mais precocemente adquiridos que os nomes com plural em *-ões* e *-ães*. Por um lado, pode-se colocar a hipótese de que as regras que geram as formas de plural de formas nominais em *-ão* determinam também a aquisição dos nomes conhecidos, uma vez que se verificou uma aquisição mais precoce de nomes com forma plural em *-ãos*, que segue a regra geral de pluralização, a primeira disponível, e a posterior aquisição da terminação alvo dos nomes com plural em *-ões*, o que seria um reflexo da formulação da regra baseada na frequência do *input*. Contudo, verifica-se também alguma variação entre nomes que têm a mesma terminação de plural (por exemplo, *balão* e *irmão*). Este facto sugere que aspectos de ordem lexical, como uma menor frequência relativa destas formas no vocabulário da criança ou de formas derivadas que permitam o acesso à base, podem condicionar a sua aquisição. pode ser.

4. Conclusões

O que se discutiu neste estudo foi a disponibilidade de uma regra de pluralização e qual a sua natureza na aquisição de formas de plural de nomes novos em *-ão*. Foram

apresentados resultados de aquisição de morfologia de plural de pseudo-nomes, por crianças dos 2 aos 5 anos, que são compatíveis com a hipótese de que a aquisição das formas de plural de nomes novos se faz por formulação e reajuste de regras mediante a avaliação da sua produtividade (Yang, 2005). No processo de aquisição, as crianças começariam pela sobregeneralização da regra geral de pluralização de nomes em português (adicionar /-s/ à forma singular do nome), manifestada na produção de plurais em pseudo-nomes, e nomes, como *-ãos*. Mais tarde, mediante a avaliação da frequência dos itens lexicais no *input*, formulariam uma regra específica para a classe de nomes terminados em *-ão*, gerando o plural em *-ões*, regra que bloquearia o uso da regra geral nestes casos. Esta hipótese é compatível com os resultados do grupo de controle, que, para pseudo-nomes, apresenta um número muito elevado de plurais em *-ões*. Uma vez que as crianças da faixa etária dos 4 e 5 anos estão ainda longe do desempenho dos adultos, em trabalho futuro, estender-se-á o estudo a crianças em idade escolar, no sentido de perceber quando é que as crianças atingem uma competência linguística próxima da do adulto.

A existência de regras pode não ser, contudo, suficiente para a aquisição do sistema alvo no que respeita à morfologia de plural de nomes em *-ão*. Pode-se postular que a aquisição destas formas se faz pela interação deste mecanismo gramatical, de geração de formas por aplicação de regras, com a aprendizagem de formas verdadeiramente “irregulares” (Marcus *et al.* 1992; Yang, 2005, entre outros).

Por fim, a hipótese de que as crianças adquirem as formas de plural mediante acesso à forma fonológica base, sugerida pelas análises morfo-fonológicas, necessita de ser testada numa futura investigação.

Referências

- Alves, Castro e Correia (2010) Consciência fonológica - dados sobre consciência fonémica, intrassilábica e silábica (neste volume).
- Berko, J. (1958) The child's learning of English morphology. *Word* 14, pp. 150-177 .
- Caeiro, A. & A. Castro (2007) *Sobre a aquisição de possessivos: um estudo de produção em crianças com desenvolvimento típico dos 2;00 aos 3;6*. Projecto final de Licenciatura, ESS-IPS.
- Frota, S., M. Vigário & F. Martins (em curso) *FrePOP (Frequency of Phonological Objects in Portuguese) Database*. Lisboa: Laboratório de Fonética da FLUL
- Frota, S., M. Vigário & R. Jordão (2008) *LumaLiDaOn*. Lisboa: Laboratório de Fonética da FLUL [<http://www.fl.ul.pt/laboratoriofonetica/lumalidaon.htm>]
- Lima, E. (1996) *Aquisição dos pronomes possessivos*. Projecto final de Licenciatura, ESSA

- Marcus, G. F., S. Pinker, M. Ullman, M. Hollander, T. J. Rosen, & F. Xu (1992) Overregularization in Language Acquisition *Monographs of the Society for Research in Child Development* 57 (4, Serial No. 228).
- Mateus, M. H. M. *et al* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa* (7ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Mateus, M. H. M. & E. d'Andrade (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Pinto, A. & A. Castro (2008) *Aquisição de morfologia nominal de número por crianças de 2 anos falantes de português europeu*. Projecto final de licenciatura, ESS-IPS.
- Santos, A. L. (2006) *Minimal answers; Ellipsis, Syntax and Discourse in the acquisition of European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Vigário, M., S. Frota e F. Martins (2010) A frequência que conta na aquisição da fonologia: types ou tokens? (neste volume).
- Villalva, A. (2008) *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Yang, C. (2005) "On productivity" In. P. Pica, J. Rooryck & J. Van Craenenbroeck (eds) *Linguistic Variation Yearbook 5*. Benjamins, pp. 265-302.